# Devastação & Glória



MARIA LAURA B. SIMÃO

# Reino de Devastacao & Elória



# Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2023 Copyright © Maria Laura B. Simão, 2023

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL *Lilian Vaccaro* 

COORDENAÇÃO EDITORIAL **Bianca Gulim** 

PRODUÇÃO GRÁFICA Giovanna Vaccaro

CAPA **Fábio Dantas** 

DIAGRAMAÇÃO

Michael Vasconcelos

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Simão, Maria Laura B.

Reino de Devastação e Glória / Maria Laura B. Simão - 1ª edição - São Paulo: Coerência, 2023

ISBN: 978-65-89850-90-8

CDD: 869.3

### Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira 2. Fantasia





Rua Coronel Leme, 43 | Centro Bragança Paulista | SP | 12.900-340 www.editoracoerencia.com.br Tel.: (11) 9.8020-0810







1

Depois que tudo acontecera, eu vinha me perguntando à Mãe, todos os dias, porque tinha sido transformada naquilo, naquele corpo; ainda possuía dificuldades em me adaptar. Já se passara um mês, mas não estava acostumada. Perguntava-me por quanto tempo mais estranharia meu corpo, até aceitá-lo como era agora.

— Belo tiro, Shyra. Foi certeiro e preciso, garantiu nosso jantar.

Pelo menos podia viver por milhares de anos ao lado dele, Kaleb Straud, o macho que tinha me conquistado desde o início com seus olhos azuis como safiras.

- Estou sempre o impressionando, não é mesmo? falei em tom debochado.
- É por isso que amo você. Sabe ser arrogante e linda ao mesmo tempo. Como consegue?

Eu lhe mostrei a língua em um gesto carinhoso e soltei uma gargalhada.

Kaleb caminhou até a carcaça do cervo que eu havia abatido — a uns três metros de distância de nós — e o pegou, colocando-o sobre seu cavalo. Subi no meu e cavalgamos de volta ao Reino de Gelo, recentemente minha casa.

Começava a se formar uma fina camada de neve, que caía devagar, aos poucos, pintada da cor mais suave e delicada de azul.

Cavalgamos até os imensos portões brancos de ferro, que ficavam de frente para a cidade principal do Reino de Gelo, e adentramos. Os sentinelas levaram os cavalos ao estábulo, Kaleb retirou a carcaça do cervo de cima de seu cavalo e o colocou em seu ombro antes de começarmos a caminhar até nossa casa, que, com uma grande extensão, possuía uma pequena varanda que dava para a porta de entrada feita de carvalho branco com detalhes de flocos de neve. Via-se várias janelas imensas nos dois andares, totalmente transparentes e lisas.

- Você está se sentindo bem? Kaleb perguntou com uma expressão preocupada.
  - Sim, estou apenas cansada.

Suspirei.

 Assim que entrarmos, você descansa um pouco antes do jantar. Hoje foi um dia longo.

Ele pegou em minha mão e me ofereceu um sorriso carinhoso, ao qual correspondi, e continuamos a caminhada em silêncio, até sermos recepcionados pelo ambiente aconchegante e quentinho. Os móveis brilhavam de tão limpos e o chão de madeira estava um pouco escorregadio. O cheiro vindo da cozinha estava impecável.

Kaleb foi direto para o cozinheiro levar a carcaça do cervo, e eu fui rumo à sala de estar, passando pelo corredor com as paredes pintadas de branco e lamparinas penduradas, com a lateral da escada voltada para o arco de entrada da sala — eu nunca me acostumaria com a preciosidade daquela montanha de mármore claro e brilhoso. Na sala grande, as paredes eram pintadas de gelo, com as janelas cobertas por longas cortinas beges, uma combinação que nunca me agradou, mas que eu aceitava bem.

Sentei-me no sofá macio em frente à lareira feita de tijolos. Se os outros sofás pequenos não estivessem tão longe, preenchendo as laterais do arco de entrada, eu apoiaria os pés em um deles; pensei se seria válido considerar a mesinha de centro, mas rejeitei a possibilidade. Retirei minhas botas de couro, por um momento temendo sujar o tapete bege-clarinho, e me espreguicei conforme o calor do fogo batia em meu corpo delicadamente. Olhei para cima e, como sempre, impressionei-me com o lustre mais bem trabalhado que já tinha visto.

O que era para ser apenas um descanso de minutos se tornou horas de sono, apesar de o tempo feérico parecer passar mais devagar do que o tempo humano. Acordei com um estrondo vindo da porta de entrada. Em um sobressalto, levantei-me e cambaleei até a entrada. Ao recuperar minhas forças e total consciência, vi Coryn, companheiro de anos de Kaleb, apoiando-se no chão com uma de suas mãos pressionando seu abdômen; ele lutava para se manter vivo e clamava por ajuda. O macho de olhos prateados alegres agora estava agonizando. Seu corpo estava fraco, pálido em comparação com sua pele clara. O cabelo curto e loiro estava sujo e embaraçado.

Meu amigo estava morrendo.

Kaleb apareceu da cozinha e correu até Coryn. Colocou um dos braços do companheiro em volta de seu pescoço enquanto o segurava firmemente pela cintura e o carregava até a sala para apoiá-lo no sofá. Coryn, ao se sentar, soltou um grunhido de dor — aquele grunhido arrepiou cada centímetro do meu corpo —, e Kaleb começou a andar de um lado para o outro, fora de si. Cheguei perto dele para tentar acalmá-lo, segurei em seu braço, puxando-o devagar para perto de mim, e o encarei em um aviso.

 Acalme-se. – Olhei para onde estava Coryn. – Ele precisa de você. Kaleb desvencilhou seu braço do meu toque para ir até o amigo. Simplesmente me mantive imóvel conforme a conversa seguia.

- Quem fez isso com você?
- Você sabe quem fez isso comigo, Kaleb. Isso já vem devastando as redondezas de todo o território de Ênix.

Coryn tossiu e cuspiu sangue no chão da sala, ao lado do sofá.

- Maldita! Essa peste já deveria ter sido exaurida do nosso mundo, já perdemos muita gente por conta disso. Muitos ainda sofrem com as consequências de tentar acabar com isso, de tentar trazer paz para o nosso mundo de novo.
- Isso não vai acabar tão cedo, não enquanto não existir alguém tão forte quanto ela para tentar enfrentá-la.

Algo que acontecia em Ênix o enfurecia, enfurecia e amedrontava a todos, mas ninguém sabia como acabar com isso. Entretanto, eu não sabia, nunca soubera do que se tratava. Kaleb nunca tinha tentado me dizer, até mesmo quando eu o questionava sobre suas idas com Coryn para a Floresta Distante; eles costumavam demorar a voltar.

O que, exatamente, todos temem tanto? – perguntei engolindo em seco cada palavra, pois sabia que acabaria discutindo com Kaleb outra vez.

Ambos ficaram em silêncio me encarando. Coryn revirou os olhos e olhou para Kaleb, que olhou de volta.

- Você não contou para ela? Por favor, Kaleb, faz mais de um mês que vocês estão juntos, e você ainda não foi capaz de contar a verdade a ela?
- Quieto, Coryn! As coisas não andam fáceis, nem para mim, para você ou para qualquer outro feérico de Ênix. Então, antes de questionar a minha posição, saiba que Shyra não está preparada para nada do que está acontecendo em nossas redondezas, e não ouse me desacatar dessa maneira de novo em minha própria casa.

- Você quis dizer *nossa* casa, Kaleb. Eu moro aqui com você há muito tempo, caso tenha esquecido. E faço questão de questionar a sua posição, porque nós dois sabemos que Shyra é uma fêmea forte, e poderá ficar mais forte se você passar a treiná-la. Sua magia pode ser extremamente poderosa e com o tempo ela pode criar força muscular para lutar em uma guerra, caso ocorra uma. Oito arquimagnos a reviveram, e desperdiçar esse poder é tolice. Coryn foi severo em cada palavra.
  - Essa guerra não irá acontecer!
- Como pode ter tanta certeza, Kaleb? questionei. Coryn tem razão, fui criada por oito arquimagnos, devo ter herdado um pouco de suas magias. Se você me treinar, posso fortalecer isso e ajudar vocês.
- Não, você não pode. Não a deixarei se envolver em lutas horrendas.
- Kaleb, podemos ter aquilo de que precisamos se treiná-la.
   Dê uma chance a ela.
- Basta, Coryn! Minha resposta é não. Shyra, suba. Vejo você depois.

Subi batendo os pés pela escadaria da casa e fui direto para nosso quarto. Fechei a porta com força, causando um estrondo que ecoou na casa inteira. Nem o azul-claro das paredes ou os desenhos de flocos de neve em cinza, quase imperceptíveis, no teto, ajudou-me a relaxar. Joguei-me na cama exageradamente grande, feita de carvalho branco. Tentei focar minha atenção no desenho sofisticado da cabeceira, um formato de rosa com suas raízes espinhosas saindo e tomando proporções únicas, mas foi em vão. As janelas estavam abertas, e o vento sacudiu as cortinas transparentes de seda antes de me atingir, e, entre os lençóis brancos também de seda, dispus-me a resmungar. Era injusto, tudo aquilo era injusto.

- Tenho força, sei que tenho, mas nunca posso aprender a usá-la a meu favor, a favor daqueles que tanto amo.
  Suspirei baixinho.
  Se Kaleb não me treinará, farei questão de aprender uma boa parte sozinha...
- Você sabe que, se ele souber disso, ficará furioso por ter ido contra suas ordens – falou Elis.

Olhei assustada para o canto do quarto, onde ficava minha penteadeira. Elis estava ali, com sua roupa simples de sempre: uma larga camiseta branca, uma calça folgada de tecido marrom e suas sapatilhas pretas. Ela era uma feérica linda, com cabelos pretos longos — destaque para a franja, que combinava perfeitamente com o formato delicado do rosto —, que agora estavam presos em um coque despojado. Tinha uma pele extremamente clara e suas maçãs do rosto eram sempre muito rosadas, assim como seus lábios. Foquei nos olhos grandes, cor de mel, sempre tão meigos.

- Você me assustou, Elis. Não faça mais isso.

Soltei uma risada aliviada.

- Desculpe, senhora, mas eu estava lhe esperando para preparar seu banho.
  - Obrigada.

Caminhei até o banheiro e, ao entrar, fui imediatamente acariciada pelo vapor quente da água, que caía na banheira. Degustei aquele vapor enquanto ele beijava cada centímetro do meu rosto fino e corado. Parei, por um momento, em frente ao espelho sobre a pia e fiquei a me admirar. Observei as sardas de minhas bochechas, sobre meu nariz. Encarei meus olhos azuis cintilantes, que estavam cansados e levemente avermelhados, e meu longo cabelo loiro, sujo e suado — nem estando preso por dois grampos dava para disfarçar.

Retirei minhas roupas, desprendi meu cabelo e entrei naquela água quente e cheirosa que me aguardava. Molhei cada parte do meu corpo magro e bronzeado, e me submergi para molhar meu cabelo. Fiquei horas deitada ali, parada, relaxando e saboreando a sensação de sossego e silêncio que me acalmava a cada mergulho que eu dava. Percebi que ficara tempo demais quando ouvi Elis me chamar do outro lado da porta.

Sai da banheira com água já morna, coloquei um roupão azul com detalhes brancos sobre meu corpo, enrolei uma toalha branca em minha cabeça e abri a porta do banheiro, dando um sorriso preguiçoso para Elis, que me aguardava na penteadeira. Retirei a toalha da cabeça e sentei-me de frente para o espelho para que Elis começasse a pentear meu cabelo úmido. Atentei-me a cada movimento.

- Há algo de errado, senhora?
- Não. Adoro quando você penteia meus cabelos após o banho, é muito relaxante.

Curvei meus lábios em um leve sorriso.

Disso eu sei, mas não é com isso que a senhora está incomodada, certo?

Suspirei baixinho.

- Elis, se você sentisse que existe um grande poder dentro de você, o que faria?
- Treinaria. Dessa forma poderia me proteger e proteger aqueles que amo, mas eu ainda sou apenas uma empregada.
- Por que Kaleb não me permite treinar? Por que ele vê isso como um erro? — indaguei me remexendo na cadeira.
  - Ora, senhora...
  - Me chame de Shyra. Eu não estava pedindo.
- Tudo bem, Shyra. Acontece que o senhor é muito protetor e quer a proteger de tudo o que há de ruim, porque ele ama você, tem medo de perdê-la e não vai aceitar que algo lhe aconteça.
  - Isso se torna sufocante às vezes falei, emburrada.

- Tente falar com ele sobre isso. O senhor não é desligado, não a ponto de não perceber que as coisas piorarão em Ênix, e que algo precisará ser feito, e toda ajuda se tornará pouca.
  - − O que tem de tão errado com Ênix?
  - Isso você terá que ouvir dele.

Elis terminou de pentear meu cabelo e antes que eu pudesse dizer mais se retirou do quarto, desejando-me apenas boa-noite. Deitei-me na cama inquieta, não conseguia mais aguentar o fato de ser inútil para mim e para todos de nossas redondezas.

Quando Kaleb apareceu no nosso quarto, estava com uma expressão preocupada. Chateado, talvez. Seu cabelo loiro, na altura do ombro, estava solto e seus olhos azuis brilhavam cheios de tristeza. Ele chegou perto e retirou seu casaco de couro e sua blusa branca suja. Seu corpo másculo me encantava; eu mal notava a cicatriz na barriga, que descia da costela esquerda e ia até a parte lateral baixa do abdômen, do lado direito.

Respirei fundo ao me sentar na cama, com os dois braços apoiados para trás, fazendo com que Kaleb levantasse o olhar na minha direção e franzisse a testa.

- O que houve?

Um sorriso malicioso se formou nos lábios dele.

- Nada falei baixinho.
- Nada mesmo?

Kaleb mordiscou seu lábio inferior.

- Você é lindo, sabia?
- Eu sei. Foi por isso que se apaixonou por mim tão fácil.

Dei de ombros e fiz uma careta em sua direção, deitando-me outra vez na cama. Kaleb entrou no banheiro e não sei quanto tempo se passou, ou quando exatamente dormi, mas acordei com seus braços em volta de mim e o cheiro maravilhoso e suave de pi-

nho daquele macho que me abraçava. Ele me beijou com leveza na bochecha e se aconchegou para dormirmos. Comecei a cantarolar sua música preferida, uma que ele havia cantado para mim para me acalmar: quando eu tinha aparecido em Ênix e ele me acolhera.

> "É uma, duas, três, quatro vezes que vou tentar por mais uma noite. Acenda um fogo em meus olhos..."

- Amo essa música Kaleb disse e me abraçou mais forte, puxando-me para mais perto.
  - Eu sei.
  - E amo quando você a canta.

Suspirei alto, fazendo com que Kaleb se desvencilhasse de mim, mas não completamente.

- Por que sinto que você não está bem? indagou, preocupado.
- Kaleb, eu... As palavras falhavam a cada tentativa.

Ele me soltou e sentou-se na cama, impaciente.

- Shyra, o que houve?
- Não quero mais. Não quero mais ficar sempre fazendo as mesmas coisas e nunca podendo usufruir daquilo que tenho para poder ajudar.
  - Você se refere ao treinamento?
- Sim! Você sabe que posso ser útil em alguma batalha. Por favor, me treine e me deixe ajudar vocês.
- Não! grunhiu, indignado por eu estar trazendo o assunto à tona de novo.
- Kaleb, por favor! Minha voz falhou, mesmo eu tentando mantê-la firme.

- Não, Shyra. Por acaso sabe como funciona uma guerra? Já presenciou uma? Já lutou em uma? Isso não é brincadeira, Shyra. Quando algo assim acontece, muitos morrem e muitos sofrem eternamente pelo que aconteceu. Você vê esta cicatriz em mim? Sabe de onde ela veio? Isso mesmo, de uma batalha. Ganhei graças a essa peste que anda circulando por Ênix. Tentei enfrentá-la e ganhei de presente isto, por pouco não fui morto. Você acha que desejo algo assim para você? É por isso que você não treinará, não lutará. Se algo acontecer, você ficará aqui, onde eu sei que estará segura.
- Estarei ao seu lado e ao lado de Coryn. Sei me defender e tenho minhas habilidades com o arco. Quero ser útil, você não entende que a falta disso é que está acabando comigo? Por favor, me deixe ajudar!
- Cansei desta discussão. A resposta é não! Você ajudará mais se estiver segura aqui.
  - Isso é injusto! gritei, sem nem tentar esconder a raiva.
     Kaleb me olhou de cima a baixo com o olhar enojado.
- Como é, Shyra? Levantei-me rapidamente, calcei minhas sandálias simples e comecei a caminhar em direção à porta, sem me importar com o fato de estar vestindo apenas uma camisola azul. Aonde você vai?!
  - Não importa!

Bati a porta e sai sem olhar para trás. Desci a escada da casa, peguei meu casaco de couro que havia deixado no cabideiro da entrada e sai rumo ao estábulo. Cavalguei portões afora.